

sessões do MAGNÁRIO

VOL. 21 | N. 36 | 2016 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.2>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Dossiê TV Pública

**Kitsch: ética, estética e
gosto popular**

Solange Wajnman

P. 115

**TV Pública:
Culturas e Regionalidades**

Ana Luiza Coiro Moraes e Nádia Maria Weber Santos

P. 27

**A cidade, a vida nervosa e
as doenças mentais**

Denise Cristina Ayres Gomes e Roberto Ramos

P. 126

Ensino de Jornalismo: referências para a formação acadêmica

*Education of Journalism:
references to the
academic formation*

Claudia Peixoto de Moura¹ 



AUTORA CONVIDADA

Resumo

O artigo registra as principais fontes bibliográficas sobre o ensino de Jornalismo, no Brasil e em Portugal, no período de 2000 a 2016, que está em sintonia com o tempo referente às discussões a respeito das diretrizes curriculares e sua implantação em nosso país, bem como ao “Tratado da Amizade”. Uma pesquisa bibliográfica e documental foi realizada para o levantamento das referências existentes nos portais de universidades, nos sites de editoras e divulgadas na internet. As referências bibliográficas brasileiras e portuguesas indicadas neste texto são aquelas selecionadas entre as várias fontes reveladas na busca inicial, cujas escolhas estão vinculadas ao meu interesse específico pela pesquisa sobre o ensino para uma formação qualificada e com dimensões sociais.

Palavras-chave

Jornalismo; ensino; formação acadêmica; fontes bibliográficas.

Abstract

The article registers the main bibliographical sources concerning the education of journalism in Brazil and in Portugal, between the years 2000 and 2016, which is in fine tune with the time referent to the discussions related to the curriculum guidelines and its implementation in our country, well as the “Tratado da Amizade”. A bibliographical and documentary research was performed to list the existing references in universities’ portals, editors’ websites and published on the internet. The Brazilian and Portuguese bibliographical references indicated on this text are those selected among several sources revealed in the initial search, which were elected according my specific interest by the research of the education for a qualified formation and with social dimensions.

Keywords

Journalism; education; academic formation; bibliographical sources.V



Considerações iniciais

O convite para participar desta edição da revista motivou a retomada de um tópico constante no debate sobre o Ensino de Comunicação. No presente texto, o foco está direcionado ao Ensino de Jornalismo, que também é um assunto relevante e vinculado ao meu interesse pelas discussões a respeito da formação em Comunicação¹. Isto pode ser observado no relatório intitulado *O Processo de Bolonha e a Formação de Comunicadores: as diretrizes curriculares para os cursos no Brasil e em Portugal*², no qual ocorreu um levantamento das referências bibliográficas brasileiras e portuguesas a respeito da formação em Jornalismo. Para a *Sessões do Imaginário*, o artigo foi elaborado com o intuito de ser uma continuação de parte do estudo anterior, com o material devidamente atualizado, possibilitando o registro das novas fontes referentes ao ensino na área para a formação³ de profissionais em uma sociedade em transformação.

Brasil e Portugal são países parceiros em vários segmentos, sendo o ensino superior uma das possibilidades para a realização de um curso, ou parte dele, por alunos em processo de mobilidade acadêmica. As alterações provocadas pelo Processo de Bolonha foram implantadas em Portugal, país integrante da Comunidade Europeia, assim como influenciaram alguns projetos acadêmicos no Brasil, que apresentam características do documento em questão. Além disso, o “Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta, entre a República Federativa do Brasil e a República Portuguesa”, foi firmado em 2001⁴. O documento oficial estabelece tanto a “Cooperação no Domínio do Ensino e da Pesquisa” como o “Reconhecimento de Graus e Títulos Acadêmicos e de Títulos de Especialização”,

obtidos em instituições de ensino superior nos dois países⁵. O tratado assegura uma mobilidade para os estudantes e os diplomados brasileiros e portugueses, atingindo igualmente a área de Comunicação⁶.

Com base nestes aspectos, o artigo foi pensado e tem como proposta registrar as principais fontes bibliográficas sobre o ensino de Jornalismo, no Brasil e em Portugal, no período de 2000 a 2016, sintonizado com o tempo referente às discussões sobre as diretrizes curriculares e sua implantação em nosso país, bem como com o “Tratado da Amizade”. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, possibilitando um levantamento das referências existentes nos portais de universidades, nos sites de editoras e divulgadas na internet. Evidentemente, as referências indicadas neste texto são aquelas selecionadas entre várias fontes reveladas na busca inicial. Assim, as referências bibliográficas brasileiras e portuguesas apresentadas a seguir constituem um acervo que está vinculado ao meu interesse específico pela pesquisa a respeito de propostas de ensino para uma formação qualificada.

Referências brasileiras

Diversas obras foram utilizadas na pesquisa bibliográfica realizada entre 1995 e 2000, para o desenvolvimento da tese de doutorado defendida no Brasil, já indicada anteriormente, em uma nota. Os livros e coletâneas abordavam questões referentes aos currículos mínimos e à formação acadêmica, adotados no país. A partir de 2000, novas obras foram editadas no Brasil, sendo alguns aspectos registrados a seguir com a finalidade de retratar a tendência da produção bibliográfica a respeito do ensino de Comunicação com o advento das Diretrizes Curriculares para a

área. As fontes bibliográficas indicadas são resultadas de estudos desenvolvidos em instituições de ensino, de pesquisa e em entidades profissionais, publicadas em livros e coletâneas. Também foram levantadas as revistas científicas nas quais a temática da edição versava sobre o ensino da Comunicação e do Jornalismo.

Maria Elisabete Antonioli defendeu sua tese de doutorado, na ECA/USP, em 2002, mas parte da pesquisa foi publicada com o título *Ensino de Jornalismo e Legislação Educacional*, quatro anos mais tarde. Em um dos oito tópicos apresentados, a autora estabelece uma relação entre mercado de trabalho e ensino, na qual a formação do “jornalista necessita obrigatoriamente, constante atualização, face às necessidades da realidade que vivencia comprometida com a globalização, e ainda, de uma educação continuada, não prevista em anos anteriores” (Antonioli, 2006, p. 94). Ressalta a formação teórico-crítica, além da prática do Jornalismo, para um exercício profissional responsável, ético e reflexivo.

Em 2003, foi editada uma coletânea denominada *Retrato do Ensino em Comunicação no Brasil*, organizada em quatro capítulos, contendo em seus anexos as Diretrizes Curriculares aprovadas para a área. A obra é uma iniciativa da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), com um dos textos abordando “A pesquisa e o Ensino nas Escolas de Comunicação”, de autoria de Maria Immacolata Vasallo de Lopes. O modelo pedagógico é projetado no currículo dos cursos, regido por saberes e habilidades explicitadas nas disciplinas teóricas, específicas e práticas. Assim, o modelo de formação está implícito nas “relações entre concepções de Comunicação e de educação presentes no modelo pedagógico das escolas” (Lopes, 2003, p. 284 – grifo da autora).



Conforme Lopes, há cinco orientações para a formação do comunicador, identificadas como modelos difusionista, sistêmico, ideológico, informacional, cultural, além do tipo de relação adotada que foi categorizado⁷ como de dependência, de apropriação e de invenção. Para ela, “os modelos de formação têm um modo de existência mais prática que teórica, mais difusa que integrada, e operam através de ideologias/culturas profissionais que cada escola legitima e dos modelos educativos que guiam o processo de ensino-aprendizagem” (2003, p. 286). Outra questão é a formação de um comunicador “generalista” ou “especialista”, que está relacionada ao “confronto entre o *modelo humanista* de ensino, identificado com a formação ‘integral’ acima da aquisição de habilidades, e o *modelo tecnicista*, que tem por base a especialização e os saberes instrumentais” (Lopes, 2003, p. 287 – grifos da autora). Além disso, Lopes abordou os dois eixos da reflexão teórica sobre o “fazer” comunicação para a formação acadêmica.

A revista científica *Comunicação & Sociedade*, editada pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), no segundo semestre de 2005, enfocou a temática “Discurso e prática no ensino da Comunicação” mediante um dossiê com textos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Também apresentou um tópico dedicado à memória do campo comunicacional e os dilemas observados entre a universidade e a sociedade na América Latina. O referido texto, de José Marques de Melo, aborda a necessidade de o pensamento comunicacional considerar as identidades culturais para possibilitar estudos com “uma tradição autóctone, marcada pela capacidade coletiva dos nossos povos de se atualizarem historicamente sem renunciar ao *ethos* latino-americano” (Melo, 2005, p. 152). Parte de seu conteúdo foi posteriormente publicado no livro de 2006, indicado a seguir.

Marques de Melo editou duas coletâneas, entre outras obras publicadas no período. *A Pedagogia da Comunicação: matrizes brasileiras*, de 2006, apresenta quatro capítulos compostos por artigos de pesquisadores vinculados a várias instituições de ensino superior. Em sua Introdução, Melo aborda “o campo acadêmico da Comunicação”, iniciando com o marco referencial para “o processo de institucionalização social da profissão informativa” (Melo, 2006, p. 13) ocorrido na Europa. Um panorama com as primeiras iniciativas europeias para a formação acadêmica em Jornalismo indicou as “ciências da imprensa” como orientação para os cursos que se estabeleceram a partir do século XIX, na Alemanha, Suíça e França. No século XX, a formação superior em Jornalismo foi ampliada para Comunicação Social, abrigando outras profissões como Publicidade e Relações Públicas. Atualmente, as reflexões teóricas a respeito do campo comunicacional revelam um embate entre o saber e o fazer midiático.

O Campo da Comunicação no Brasil, obra editada em 2008, está dividida em três capítulos, sendo que um deles aborda as disciplinas consolidadas como Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, apresentando a institucionalização do campo em termos científicos e profissionais. Melo introduz o assunto afirmando que “criam-se instâncias de ‘poder simbólico’ (Bourdieu) na academia, que denotam a busca de convergência” (Melo, 2008, p. 7) nos espaços fragmentados dos cursos e das profissões. Os espaços acadêmicos têm fomentado uma produção e acumulação do conhecimento, visando delinear “as tendências do saber legitimado sobre o campo da comunicação no Brasil” (Melo, 2008, p. 9), a partir do inventário realizado por diversos pesquisadores.

Outra publicação vinculada à INTERCOM reuniu oito textos debatidos no XXVIII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e no II Colóquio Brasil-Estados Unidos, ambos realizados no Rio de Janeiro, em 2005, como eventos de seu Congresso anual. A questão do ensino e da pesquisa em Comunicação foi o tema central do Congresso, que resultou na coletânea *Comunicação: ensino e pesquisa*, editada em 2008. Participei da referida obra com um texto a respeito da temática, intitulado “A pesquisa em Comunicação: o elo entre Graduação e Pós-Graduação”. O trabalho teve como objetivo apresentar a possível integração entre Graduação e Pós-Graduação na área da Comunicação, sob ponto de vista da formação acadêmica. Para tanto, foram enfocadas a implantação dos currículos para a Graduação e a origem dos Cursos de Pós-Graduação, as tendências curriculares para uma formação integradora, e as experiências relatadas em documentos oficiais como forma de estabelecer a integração. Neste contexto, a pesquisa em Comunicação é valorizada, tanto em atividades científicas quanto no ensino das profissões midiáticas, se inserida na estrutura curricular da Graduação.

Em 2006, ocorreu o I Endecom – Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação, evento comemorativo aos 40 anos da ECA/USP, e aos 30 anos da INTERCOM, resultando em um livro denominado *Ensino de Comunicação: qualidade na Formação Acadêmico-Profissional*, publicado um ano mais tarde. Igualmente, participei do evento e da coletânea, apresentando os “Padrões de Qualidade para o Ensino de Comunicação no Brasil”, com o registro das antigas lutas, do movimento nacional, do programa de qualidade para o Jornalismo, das diretrizes curriculares e da avaliação para o curso de Comunicação Social.



A coletânea também traz um texto de Eduardo Meditsch, que versa sobre “A Qualidade do Ensino na Perspectiva do Jornalismo: dos anos 1980 ao início do novo século”, indicando de forma crítica que “a diminuição da duração dos cursos, e a criação de um ciclo básico de dois anos (que daria direito a um diploma de “Estudos de Formação Geral”) são vistos como novos movimentos para ampliar o número de matrículas e diplomas no país às custas da qualidade do ensino” (Meditsch, 2007, p. 137). O autor salientou a representação da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor) no debate sobre a avaliação da qualidade do ensino. Neste mesmo ano, o FNPJ lançou a Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (REBEJ)⁸, em formato eletrônico, que trata de temas relacionados às áreas interdisciplinares do ensino de Jornalismo.

A FENAJ organizou duas coletâneas a respeito da *Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade*. A primeira é composta por textos oficiais da entidade, artigos e pequenos ensaios, sendo publicada em 2002, com o apoio da Universidade Federal de Santa Catarina, pela Cátedra FENAJ-UFSC de Jornalismo para a Cidadania, e sua segunda edição está disponível *online*, no endereço <www.fenaj.org.br>. Outra coletânea foi publicada em 2008, com artigos de autores de três segmentos: acadêmicos, juristas, profissionais. No segmento Academia, há um texto de Meditsch sobre as “Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de Jornalismo na sociedade da informação”, no qual afirma que “o importante seria consolidar as competências específicas, ao invés de cair na tentação de formar um ‘jornalista poliva-

lente’ (ou ‘comunicador’), capaz de assumir qualquer profissão ou papel social a partir apenas da graduação [...]” (Meditsch, 2008, p. 31), não o preparando profissionalmente. Isto exige projetos pedagógicos que distingam “a profissão (com suas funções exclusivas) das eventuais ocupações (funções compartilhadas com outras profissões) que um jornalista pode exercer em sua vida laboral e social” (Meditsch, 2008, p. 33). Enaltece o movimento na área do Jornalismo em relação ao seu campo acadêmico, com a consolidação de grupos de pesquisa em universidades e em entidades preocupadas com a questão do ensino e da formação baseada em competências teóricas, técnicas e práticas.

Elias Machado é outro autor de vários textos e organizador de obras que abordam a temática. A publicação *O Ensino do Jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software*, organizada por Elias Machado e Marcos Palácios, em 2007, é resultado do Projeto PRO-NEX⁹ e trata de metodologias de ensino do Jornalismo na Web, mediante discussões teóricas e práticas pedagógicas. No artigo “O Ensino de Jornalismo em Tempos de Ciberespaço”, Machado afirma que “no processo de formação contínua, seja de um jovem estudante de graduação, seja do pós-doutor, a prática da pesquisa deve orientar a inserção de cada membro das comunidades de ensino-aprendizagem nos diferentes tipos de laboratório mantidos pelas instituições de ensino de Jornalismo” (2007, p. 17-18). Para o autor, este tempo de ciberespaço necessita de cursos de Jornalismo adaptados à “uma prática mediada pelas tecnologias digitais” que exige “uma cultura de pesquisa entre professores e alunos e da capacidade da instituição para superar o paradigma dos planos de estudo fragmentados em disciplinas isoladas” (Machado, 2007, p. 20). Duas ên-

fases são apresentadas na obra – o ensino do Jornalismo online e as plataformas para o ensino em rede.

No final de 2007, a Rede PROCAD¹⁰, com o tema “O ensino de Jornalismo na Era da Convergência Tecnológica – grades curriculares, planos de ensino e demandas profissionais”, foi criada reunindo pesquisadores de programas de pós-graduação. Em 2010, ocorreu o lançamento da coletânea *Ensino de Jornalismo em tempos de convergência*, organizada por Elias Machado e Tattiana Teixeira, com os primeiros resultados da Rede, apresentados em duas partes – uma teórica e outra direcionada às práticas do ensino em Jornalismo. Mais uma publicação merece destaque – *O Ensino de Jornalismo na era da convergência: conceitos, metodologias e estudos de casos no Brasil*, editada em 2011. O livro está dividido em três partes: Fundamentos Teórico-Metodológicos; Estudos do projeto do PROCAD; Estudos de Casos no Brasil.

A primeira parte é composta por quatro artigos, sendo o de Tattiana Teixeira, intitulado “Projetos Pedagógicos em Tempos de Mudança no Jornalismo: desafios e alternativas”, um texto que remete a uma reflexão sobre os caminhos e os compromissos coletivos envolvendo instituições, docentes e discentes. O comprometimento institucional, para a mudança e a inovação, pode ampliar o conhecimento e viabilizar uma nova perspectiva à formação profissional, concebendo “currículos que sejam em si mesmos convergentes” (Teixeira, 2011, p. 26) para dar condições à crítica do fazer jornalístico. Assim, “buscar a inovação, a partir da pesquisa que possibilite, a um só tempo, discussão + experimento + aprendizado crítico + informação” (Teixeira, 2011, p. 27) caracteriza projetos pedagógicos com a interação de saberes para a compreensão das variadas dimensões sociais.



A segunda parte agrupa textos referentes à Rede PROCADJOR¹¹ e a terceira parte apresenta artigos selecionados do I Seminário Nacional de Ensino de Jornalismo, ocorrido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, no ano de 2010. É interessante ressaltar que esta coletânea possui um artigo do pesquisador brasileiro, Francisco Gilson Rebouças Pôrto Jr. (2011), intitulado “Brasil e Portugal: uma perspectiva comparativa sobre a história da formação em Jornalismo”, com os modelos profissionais e o ensino praticado na área, em ambos países.

Em 2012, há duas publicações de Santa Catarina. Eduardo Meditsch, autor de referência na área, comemora os 30 anos de docência com a obra *Pedagogia e pesquisa para o Jornalismo que está por vir*, apresentando uma perspectiva autoral, na medida em que relata as memórias e a história vivida no campo do Jornalismo, bem como suas experiências que fundamentam as reflexões a respeito do ensino e de sua trajetória acadêmica. A outra publicação catarinense, *Ensinar Comunicação: desafios pedagógicos no ensino de Jornalismo e Publicidade*, organizada por Jacques Mick e Samuel Lima, trata das experiências acadêmicas do Curso de Comunicação da IELUSC – Associação Educacional Luterana Bom Jesus e está dividida em três partes – Ensino de Comunicação; Ensino de Jornalismo; Ensino de Publicidade e Propaganda.

O texto da Parte 1, “A concepção coletiva e inovadora do Projeto Pedagógico”, de Samuel Lima, aborda uma breve história e os conceitos adotados na construção do projeto. Para Lima, “[...] a sublime tensão entre ‘tradição’ e ‘aventura’ conformaria um novo espaço de ensino e experimentação, a partir da configuração da nova matriz curricular [...]” (2012, p. 47), com quatro eixos fundamentais: humanidades;

saberes teórico-metodológicos; invenções laboratoriais-experimentais; estudos avançados. Aponta a preocupação com o equilíbrio entre teoria e prática, envolvendo “os atores do processo de ensino-aprendizagem (docentes, alunos e coordenadores)” (Lima, 2012, p. 51) para a construção coletiva da proposta.

A obra *Ser Jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica*, publicada em 2013, tem como base a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Fernanda Lima Lopes. Aborda questões a respeito da identidade jornalística, da cronologia do ensino e sua relação com a profissão, da obrigatoriedade do diploma e a formação superior com as diretrizes curriculares para o curso. Exatamente esta última questão é registrada, com as palavras da autora:

Não se vislumbra entre as recomendações do Projeto Pedagógico uma preocupação com o desenvolvimento e o exercício intelectual de conhecimento(s) que não seja(m) necessariamente aplicado(s). Mesmo que atividades didáticas para incentivar a pesquisa e a extensão estejam incorporadas nas propostas, além de haver sugestões para se fomentar a integração com a pós-graduação, a tendência em reforçar a identidade do jornalista como um profissional prático e técnico é o traço que mais sobressai no documento (Lopes, F., 2013, p. 233).

A crítica ao documento está ancorada nas observações sobre o jornalista contemporâneo, bem como nas discussões a respeito da identidade do Jornalismo e os saberes para a formação profissional e os fazeres característicos da profissão, contextualizando historicamente seu lugar na sociedade.

Mais uma obra é resultado de uma tese de doutorado, publicada em 2013, por Enio Moraes Júnior, com o título *Formação de Jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público*. Trata de um diálogo entre formações superiores estabelecidas a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais, no Brasil, e do Protocolo de Bolonha, em Portugal, com uma abordagem direcionada à cidadania visando profissionais de Jornalismo para o desenvolvimento humano, sendo apresentada em seis capítulos com discussões teóricas e aspectos empíricos. Na opinião do autor,

Para a parcela da população que acompanhou ou participou dos debates, discutir as Diretrizes Curriculares foi uma oportunidade para refletir sobre a cidadania nacional e, ao mesmo tempo, exercitá-la. Desejável seria uma participação maior, mais plural, e que a cidadania brasileira fosse mais inclusiva. Mas, paradoxalmente, cabe, em parte, à educação e à imprensa fomentarem essa participação (Moraes Júnior, 2013, p. 101).

O ensino do interesse público para uma atuação profissional de jornalistas é um compromisso afirmado, conforme Moraes Júnior, que ressalta a relevância de uma pedagogia para uma formação superior, desenvolvendo nos alunos a capacidade de articulação de questões relacionadas ao humanismo com as competências técnicas e específicas características do Jornalismo.

Enio Moraes Júnior, Luciano Victor Barros Maluly e Dennis de Oliveira organizaram a coletânea *Antes da pauta: linhas para pensar o ensino do Jornalismo no século XXI*, que foi publicada também em 2013, conten-



do oito textos de autores brasileiros e portugueses. Reflexões sobre as possibilidades interdisciplinares em um cenário de constantes mudanças foram apresentadas, apontando para uma formação adequada ao momento no qual determinados caminhos e diretrizes curriculares estão em vigor. A relação entre os dois países é inspiradora para pesquisas comparativas.

O texto “Brasil e Portugal: problemáticas e orientações no ensino do Jornalismo”, de Nancy Nuyen Ali Ramadan, registra a trajetória da autora na temática da formação acadêmica, com a tese de doutorado (2000) referente aos formadores de jornalistas, em que pesquisou os professores e seu entendimento da atividade jornalística. Posteriormente, realizou estudos em nível de pós-doutorado (2009), para “tentar compreender as mudanças pedagógicas advindas com o Protocolo de Bolonha, na Europa, e comparar pedagogicamente as realidades educacionais brasileira e portuguesa” (Ramadan, 2013, p. 118). Isto possibilitou um estudo comparado entre os cursos da Universidade do Minho, em Portugal, e da Universidade de São Paulo, no Brasil. Esta pesquisa se aproxima do estudo que desenvolvi no pós-doutoramento (2009), na Universidade de Coimbra, em Portugal, com docentes e discentes de ambos países, citado no início do texto.

A obra *O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares*¹², organizada por Fernando Ferreira Almeida, Robson Bastos da Silva e Marcelo Briseno Marques de Melo, faz parte de um projeto desenvolvido pela INTERCOM, denominado Seminário sobre o Ensino de Graduação em Comunicação Social (ENSICOM)¹³. O livro, no formato *e-book*, possui dois textos sobre a formação em Jornalismo, sendo um de autoria de José Marques de Melo (2015), intitulado “Desafios do ensino do

Jornalismo no século XXI”, que traz a síntese de vários tópicos relacionados à formação acadêmica na área.

Outro é de Eduardo Meditsch, denominado “A aplicação das novas diretrizes curriculares: oportunidade para o reencontro do Ensino de Jornalismo com o que foi perdido em sua História”, que revela determinados aspectos da formação iniciando com a situação norte-americana, depois europeia e, por fim, a latino-americana. Também registra uma história (secreta) na qual a primeira formação ocorreu em Jornalismo e, posteriormente, passou a ser em Comunicação Social com habilitações. No caso das recentes Diretrizes Curriculares, a formação volta a ser em Jornalismo, sendo o documento oficial reproduzido parcialmente no artigo. Meditsch afirma que há uma reorientação para os projetos pedagógicos, significando “a sua valorização, dando-lhe coerência e sentido na formação profissional de jornalistas como produtores intelectuais. [...] o jornalista, como intelectual, necessita de uma sólida capacidade de interpretação da realidade e de uma ampla cultura geral” (2015, p. 82), sendo o papel da universidade para o futuro do Jornalismo.

Referências portuguesas

Um levantamento bibliográfico foi realizado para documentar as fontes editadas a respeito do Ensino de Comunicação em Portugal. Foram encontradas obras, coletâneas e periódicos que retratam alguns aspectos da formação acadêmica na área, publicadas no período de implantação do Processo de Bolonha. Apenas duas fontes datam de um período anterior, mas foram consideradas por serem relevantes para uma contextualização à proposta do artigo. A produção bibliográfica registrada a seguir é resultado de estudos de

envolvidos em instituições de ensino, de pesquisa e em entidades profissionais. No caso das revistas científicas, foram selecionadas aquelas edições nas quais a temática versava sobre o ensino de Comunicação ou de Jornalismo. As Actas de eventos foram consultadas, mas não utilizadas no levantamento bibliográfico, pois continham textos publicados posteriormente em coletâneas. Os dados históricos a respeito da criação dos cursos em Portugal não serão abordados, devido ao fato das publicações já registrarem o assunto com detalhes. O enfoque deste item está na formação acadêmica concebida pelos autores selecionados para o trabalho, sendo o ensino de Jornalismo privilegiado em relação ao de comunicação nas fontes bibliográficas.

O autor Adriano Duarte Rodrigues foi responsável pela implantação do primeiro curso superior em Comunicação Social no país¹⁴. Em 1988, publicou a obra intitulada *O Campo dos Media*, na qual há um tópico dedicado ao ensino universitário na área. Aborda a questão do saber generalista ou específico, afirmando que “a formação universitária em comunicação social não se reduz à aprendizagem das técnicas destas profissões. É antes de mais a formação numa área específica e especializada do saber moderno nas ciências humanas” (Rodrigues, p. 1988, p. 182). Indica o paradigma comunicacional e os eixos genealógico, discursivo e tecnológico para a formação universitária.

Merece destaque o estudo realizado por Mário Mesquita e Cristina Ponte sobre a *Situação do Ensino e da Formação Profissional na área do Jornalismo*, cujo relatório encontra-se disponível no site: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Algumas obras a seguir relacionadas fazem referência a este estudo, elaborado em 1996-97, para a Representação da Comissão Europeia em Portu-



gal. Em sua nota introdutória, está especificado como objetivo proceder a um levantamento da referida situação em Portugal, tanto no ensino universitário e politécnico, como nas atividades dos centros de formação especializados nesta área. O relatório está dividido em capítulos, e há uma síntese conclusiva a respeito da situação encontrada, a qual pode ser resumida nos seguintes tópicos: cursos generalistas; o predomínio das Ciências da Comunicação; a coexistência com a publicidade e a comunicação institucional; a insuficiência da área específica do Jornalismo; a problemática europeia; finalizando com as perspectivas futuras.

Alguns aspectos apontados na parte conclusiva do relatório são relevantes para o presente estudo. Foi constatado que

o Jornalismo surge, na maior parte dos casos, integrado em cursos de Ciências da Comunicação ou de Comunicação Social, que possuem um tronco comum de duração variável, situação que ocorre em todas as universidades privadas e na maioria do ensino universitário público, com a exceção de duas licenciaturas (Jornalismo na Universidade de Coimbra e Novas Tecnologias da Informação na de Aveiro) e de alguns cursos do Politécnico (Mesquita; Ponte, 1996-1997, texto do relatório).

Além disso, para a análise dos cursos houve uma “distribuição das disciplinas por quatro áreas de saber – Ciências Sociais e Humanas, Ciências da Comunicação, Estudos sobre os Media e Jornalismo”, possibilitando verificar que “as cadeiras respeitantes às duas primeiras áreas constituem o «núcleo duro» de todos os cursos existentes” (Mesquita; Ponte, 1996-1997, texto do relatório).

Quanto à oferta de disciplinas voltadas ao desenvolvimento da pesquisa, o “traço comum a estes cursos é a rarefacção de cadeiras de âmbito metodológico de suporte a investigações” (Mesquita; Ponte, 1996-1997, texto do relatório). Os cursos de comunicação são constituídos pelo ensino do Jornalismo, da Publicidade e da Comunicação Institucional (Relações Públicas, Comunicação Empresarial e outras). Apesar das especificidades, a fundamentação teórica está relacionada a disciplinas comuns, pertencentes às Ciências Sociais e Humanas e às Ciências da Comunicação. Os resultados do relatório serviram de base para várias considerações, em estudos desenvolvidos por autores dedicados ao ensino da área.

Em 2003, José Rebelo publicou a obra denominada *A Comunicação: temas e argumentos*, com um dos tópicos tratando do ensino e da investigação na área em Portugal. Faz referência aos mestrados, que “vão-se impondo como continuidade natural das licenciaturas. A exemplo da FCSH/UNL que, também aqui, foi pioneira, iniciaram-se cursos de mestrado” (Rebelo, 2003, p. 136) em diversas universidades. Em sua opinião, inicialmente, houve uma influência de conhecimentos estrangeiros, porém a expectativa é estudar objetos da sociedade portuguesa.

Outra publicação de Mário Mesquita foi a obra intitulada *O Quarto Equívoco – o poder dos media na sociedade contemporânea*, com a primeira edição em 2003 e a segunda em 2004. Dividida em cinco partes, apresenta a questão do ensino e sua relação com o exercício profissional no tópico destinado às perspectivas. As competências são abordadas a partir da seguinte questão: “que tipo de formação devem possuir os jornalistas?” O autor responde indicando que “os requisitos fundamentais da formação do jornalis-

ta polivalente e generalista pressupõem uma cultura humanística e uma competência *cultural, comunicacional, profissional e tecnológica*” (Mesquita, 2004, p. 191 – grifo do autor). Cada uma é descrita, sendo que a competência comunicacional “apela ao conjunto de disciplinas que, em especial, a partir dos anos sessenta, se designam por ‘ciências da comunicação’ e que convocaram, numa perspectiva transdisciplinar, saberes provenientes da psicologia, da sociologia, da antropologia, da linguística e da semiologia” (Mesquita, 2004, p. 192 – grifo do autor). A qualificação dos profissionais da comunicação, tais como de Jornalismo, de Publicidade e de Relações Públicas, requer uma formação acadêmica e uma definição de perfis adequados às exigências das sociedades contemporâneas.

A revista *Comunicação e Sociedade*, de número 5, editada em Portugal em 2004, enfoca o Ensino do Jornalismo e apresenta vários artigos sobre a formação na área. Entre eles estão os textos do brasileiro Eduardo Meditsch e dos portugueses Manuel Pinto, Joaquim Fidalgo e Fernando Cascais, que possuem informações relacionadas ao presente estudo. O artigo de Meditsch relata uma experiência brasileira de formação em Jornalismo para a práxis profissional, com base na concepção da prática proposta por Paulo Freire. Meditsch já foi referenciado anteriormente, por ser um pesquisador da área no Brasil.

O ensino do Jornalismo em Portugal é referido por Manuel Pinto, que registra seu percurso histórico, no qual

a formação universitária em Ciências da Comunicação ou Comunicação Social surge bastante tarde, em Portugal – nos anos subsequentes à Revolução de Abril de 1974 – mas, ainda assim,



antes de surgirem cursos universitários especificamente centrados no campo jornalístico. Na verdade, foi apenas em 1993 que foi criado o Curso de Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a que se seguiu, já em 2000, o de Jornalismo e de Ciências da Comunicação, na Universidade do Porto (Pinto, 2004, p. 50).

Descreve o papel do Sindicato Nacional de Jornalistas e o contexto político da época. Aponta que o primeiro curso, criado na Universidade Nova de Lisboa, serviu de exemplo a outros, que nasceram “integrados em escolas ou faculdades ligadas às humanidades e às ciências sociais, valorizando as componentes histórico-filosófica, linguística, sociológica e tecnológica. Em grande parte dos cursos assim concebidos, funcionava um tronco comum nos dois primeiros anos, com opções ou variantes nos dois ou três anos finais” (Pinto, 2004, p. 52), nos quais passaram a coexistir as especialidades de Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade, etc.

Os cursos foram criados em instituições universitárias e em instituições de ensino politécnico, públicas e privadas. Com a instalação de cursos de pós-graduação, houve uma alteração. Conforme Pinto (2004, p. 54 – grifos do autor),

recortam-se, no percurso do ‘caso português’, três círculos concêntricos. Caminhando do mais para o menos abrangente, temos, em primeiro lugar, o círculo da formação sócio-humanística e cultural clássica; segue-se o círculo das ciências que incidem na ‘problemática da comunicação’; e, finalmente, no centro, o círculo correspondente aos estudos

jornalísticos. Este último poder-se-á ainda subdividir entre as disciplinas teórico-epistemológicas e as disciplinas de pendor prático-experimental.

As mudanças na formação e na profissão foram apresentadas, assim como a interação teoria e prática, finalizando com questões sintonizadas à Declaração de Bolonha.

Joaquim Fidalgo analisa um perfil socioprofissional dos jornalistas portugueses, em função do número de profissionais, gênero, faixa etária, formação acadêmica, para um melhor Jornalismo. Em sua opinião, “embora continue a não ser exigido qualquer diploma de estudos superiores em domínios das Ciências da Comunicação para aceder à carreira profissional de jornalista, nos anos mais recentes pode dizer-se que a quase totalidade de novos jornalistas tem sido recrutada entre os diplomados do setor” (Fidalgo, 2004, p. 69). A tendência é um maior número de jornalistas, uma presença maior do sexo feminino e de profissionais mais jovens atuando no mercado.

E Fernando Cascais aborda o ensino a partir das atividades e do posicionamento do Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (CENJOR). Aponta problemas no ensino superior em Portugal, que necessitam de debates. “A relação do campo do Jornalismo com a globalizante Comunicação não será um dos menores problemas. Mesmo que não haja fraturas (entre Jornalismo e Comunicação, entre universidade e profissão, entre formação teórica e prática, entre ensino e tarimba) sentem-se fissuras” (Cascais, 2004, p. 93)¹⁵. O crescimento da oferta de cursos prejudica a consolidação dos conhecimentos para a atividade.

Em 2005, o autor português Nelson Traquina edita no Brasil as obras *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são* (volume I) e *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional* (volume II). São seis capítulos no primeiro volume, versando sobre a definição do Jornalismo, sua trajetória histórica, a problemática da profissão, o campo e as teorias da área. A identidade profissional (*ethos*) indica como se deve ser e estar no Jornalismo. “A ideologia jornalística e a sociedade fornecem igualmente um *ethos* que define para os membros da comunidade jornalística que o seu papel social é de informar os cidadãos e proteger a sociedade de eventuais abusos de poder, [...]” (Traquina, 2005a, p. 202). Conforme o autor, os cursos superiores “contribuíram para uma mudança profunda” na qual o Jornalismo português está associado “a um compromisso com os ideais da profissão e não a afirmação de convicções políticas” (Traquina, 2005a, p. 209). Um dos itens da obra é o desenvolvimento do ensino universitário na área.

No segundo volume, há quatro capítulos que foram organizados em duas partes: “uma comunidade interpretativa” e “uma comunidade interpretativa transnacional”. A primeira parte é norteadada por duas questões: a compreensão do ser jornalista; e do ser notícia. A segunda parte apresenta análises pautadas pela problemática da AIDS e por estudos sociológicos. O autor adotou Bourdieu para definir o campo jornalístico, que implica, além de outros aspectos, na “existência de um grupo especializado que afirma possuir um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados” (Traquina, 2005b, p. 19). Aborda os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração



como competências jornalísticas, para constituir “o saber de produzir notícias. Ser jornalista é saber não só elaborar a notícia: é ter uma perspicácia profissional, [...]” (Traquina, 2005b, p. 45) para produzir notícias com critérios específicos da cultura da área. A evolução da “tribo” revela quatro tendências, com base em estudos publicados por outras fontes: uma expansão, um rejuvenescimento, uma feminização e um aumento da escolaridade e da formação universitária.

Sara Meireles Graça publicou em 2007 a obra intitulada *Os Jornalistas Portugueses: dos problemas da inserção aos novos dilemas profissionais*. O livro é resultado de sua dissertação de mestrado e contém um tópico destinado à análise da questão da escolaridade dos jornalistas portugueses. A situação acadêmica apresentada faz parte do II Inquérito Nacional aos Jornalistas Portugueses, realizado em 1997, e revela os valores percentuais a respeito da formação específica na área e o acesso à atividade. A autora afirma que são aceitas “a ‘tarimba’ e a prática da actividade sem exigências académicas, para além da escolaridade obrigatória, como critérios-base de acesso à profissão, [...]” (Graça, 2007, p. 43 – grifo da autora), marcada por um enquadramento legal.

O ingresso se dá pela prática e colaboração voluntária, “apesar da crescente pressão dos licenciados em fechar o mercado de trabalho sobre si” (Graça, 2007, p. 51). A consolidação no exercício profissional não possui “definições claras sobre quais os saberes, habilitações ou competências exigíveis ao bom desempenho profissional no interior das empresas mediáticas portuguesas” (Graça, 2007, p. 51). Portanto, são as relações estabelecidas com as empresas que determinam o ingresso e a permanência no Jornalismo, e não uma formação específica ou um saber acadêmico. “Os jorna-

listas dividem-se hoje entre os mais antigos membros, formados na ‘tarimba’ diária das redacções e os mais jovens (sobretudo mulheres), credenciados pela formação académica” (Graça, 2007, p. 63 – grifo da autora).

Em sua opinião, isto ocorre porque “grande parte dos dirigentes reconhece que as escolas ensinam técnicas e regras básicas indispensáveis à boa prática da profissão, mas criticam nos estudantes a falta de cultura geral, o fraco espírito de criatividade e a impreparação para as reais exigências da profissão” (Graça, 2007, p. 125). A autora condena o fato de jornalistas profissionais serem recrutados pelas escolas para a docência, uma vez que os saberes técnicos do ofício são reproduzidos sem uma reflexão. Registra a história da criação dos cursos superiores, apontando uma orientação mais generalista com variadas saídas profissionais. A qualidade dos cursos, a sua adequação às necessidades do mercado de trabalho, a massificação do ensino superior, os programas curriculares abrigando Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade, são pontos criticados.

Também aborda os novos dilemas profissionais que estão vinculados à formação superior na área. E conclui afirmando que “a comunidade académica tenta alimentar um ideário profissional baseado na reflexão e no questionamento, enquanto as empresas procuram, sobretudo, um funcionário polivalente e generalista, devidamente adaptado às longas jornadas de trabalho” (Graça, 2007, p. 171). Há uma desarticulação entre a reflexão académica e as práticas executadas nas empresas jornalísticas, cujos modelos exigem uma capacidade técnica. A obra ainda possui anexos com os dados quantitativos resultantes de estudos desenvolvidos junto a jornalistas de Portugal.

Outra obra oriunda de um estudo realizado em nível de pós-graduação é a do autor Joaquim Fidalgo, denominada *O Jornalista em Construção*. O livro, publicado em 2008, é uma parte de sua tese de doutoramento e está organizada em dois capítulos, cabendo ao segundo a questão do modelo de formação, na perspectiva de uma especialidade “detentora de um ‘saber’ e um ‘saber-fazer’ (e ‘saber-como-fazer’) próprios, [...]” (Fidalgo, 2008, p. 110 – grifos do autor). Apresenta aspectos históricos a respeito da formação na área e da construção da profissão, analisando as dificuldades ocasionadas pelos condicionamentos políticos. Aponta o acesso à profissão não condicionado à obtenção de um diploma, “embora se insistisse progressivamente nas vantagens de alguma formação, menos por razões de aprendizagem técnica e mais por alargamento tanto de uma cultura geral como de uma capacidade de compreender a sociedade e de agir no seio dela com um sentido de responsabilidade baseado em valores profissionais” (Fidalgo, 2008, p. 127). Com a proliferação dos cursos e uma formação especializada, o exercício da profissão passou a ser garantido a jovens jornalistas diplomados. Em uma nota final, Fidalgo (2008, p. 181 – grifos do autor) indica como um dos domínios essenciais para a profissão “a sua reivindicação de um corpo próprio de *conhecimentos* e de *saber*”, que é significativo à identidade profissional.

Em 2008, a edição da revista *Media & Jornalismo*, de número 13, tem como foco ‘Um século de ensino do Jornalismo’, apresentando artigos a respeito da temática. Fernando Cascais escreve sobre o “Ensino do Jornalismo em Portugal. História de um fracasso dos jornalistas”, relatando a formação dentro do processo de profissionalização. Segundo o autor,



ensino do Jornalismo não coincide com ensino para o Jornalismo. O primeiro pressupõe um corpo de saberes e de técnicas suficientemente consolidadas para serem transmitidos, configurando-se numa formação exclusiva ou prioritária na formação de novos profissionais. Pelo contrário, a segunda expressão abre acesso a diversos tipos de formação, isto é, torna o exercício profissional indefinido, [...] (Cascais, 2008, p. 55 – grifos do autor).

A definição de um corpo de conhecimentos, de saberes, é difícil devido ao fato do Jornalismo necessitar de uma formação multidisciplinar, polivalente, diversificada, transversal. O autor relata a história do ensino do Jornalismo, em um ambiente político conturbado que atrasou a formação superior na área.

Também, em 2008, uma coletânea foi editada com o nome *Os media em Portugal nos primeiros cinco anos do século XXI*, pertencente à coleção Comunicação e Sociedade, e vinculada ao projeto Mediascópio – Estudo da Reconfiguração do Campo da Comunicação e dos *Media* em Portugal¹⁶. Vários artigos constituem a obra, sendo um deles relacionado à temática, com o título: “A formação em Jornalismo: sinais e problemas de um debate latente”, de Sandra Marinho. No início do texto, a autora afirma que

o tema da formação dos jornalistas ganhou alguma visibilidade no final de 2004, com a publicação do Relatório sobre a Implementação do Processo de Bolonha na Área do Conhecimento da Comunicação. No imediato, registram-se, no meio académico, algumas reacções, mas sem grande expressão no espaço público. Dos restantes implicados no pro-

cesso (estudantes, empresas, profissionais e sociedade civil) não houve reacção visível ao nível dos órgãos de comunicação social (Marinho, 2008, p. 129).

Porém, há interesse em discutir a questão da formação em Jornalismo, da preparação dos profissionais para o desempenho de suas tarefas, considerando a dimensão formal do ensino superior e a informal do exercício da atividade. A qualidade do Jornalismo está relacionada à sua prática e à sua formação. E a qualidade do ensino está associada à investigação na área, fomentada pelos cursos de pós-graduação. “A relação entre formação/ensino e investigação é fundamental. O incremento da actividade editorial, [...] pode ser indício de um maior interesse por esta área de investigação [...], uma tendência que teria de ser acompanhada e verificada” (Marinho, 2008, p. 140). O debate sobre a temática tende a eliminar a dicotomia entre os universos acadêmico e profissional.

A coletânea (Moraes Júnior; Maluly; Oliveira, 2013) já citada nas Referências Bibliográficas Brasileiras também possui textos de autores portugueses. Um artigo que chama a atenção é o de Pedro Coelho, denominado “Números e factos do ensino superior de Jornalismo em Portugal: de como o excesso de procura resultou em excesso de oferta”, pois revela dados do sistema de ensino português em relação à formação de jornalistas. Com a apresentação de tabelas, valores absolutos e percentuais, o autor demonstrou uma tipologia para os 31 cursos seleccionados¹⁷ na pesquisa, envolvendo critérios que definem a relação específica dos planos curriculares com o Jornalismo, em termos: de dimensão teórica e prática; de laboratórios e ateliers jornalísticos com ações na mídia (meios clássicos e novos *media*); de análise da mídia baseada

na reflexão com aportes do campo da comunicação; de estudo e práxis da mídia com ações relativas aos processos tecnológicos ou de produção de conteúdos; de disciplinas do campo das Ciências Sociais e Humanas; de disciplinas do campo das Artes. Coelho também aborda aspectos da formação acadêmica, do acesso à profissão, das características dos cursos (estatuto¹⁸, vagas, localização dos estabelecimentos de ensino), indicando a necessidade de uma reflexão sobre a situação do ensino de Jornalismo em Portugal.

Em 2015, foi publicada a tese de doutorado de Sandra Marinho, com o título *Jornalismo e Formação em Mudança: modelos e construções na análise do caso português*. A obra encontra-se disponível em www.cecs.uminho.pt e está fundamentada em uma pesquisa teórica e uma pesquisa empírica, com a aplicação de um modelo de análise. Jornalismo, sociedade e mudança são as dimensões trabalhadas, havendo oito pressupostos que norteiam a reflexão. Marinho apresenta uma obra de fôlego e defende uma “formação abrangente, cultura geral, curiosidade e espírito crítico, acompanhamento da actualidade e prática da profissão, no âmbito do curso, mas também fora dele” (2015, p. 40).

O ensino superior em Portugal e, especificamente, a formação em Jornalismo foram alterados com a implementação do Processo de Bolonha. Este fato é observado na investigação que aprofunda a medição da qualidade do Jornalismo e de sua formação. A autora considera

a formação em Jornalismo pelo Ensino Superior numa encruzilhada: entre uma profissão (a de jornalista) que está a mudar, cujas mudanças é preciso acompanhar, para reflectir sobre elas e perceber qual a melhor maneira de as integrar; do outro



lado, uma outra profissão (a de professor/formador), igualmente em mudança, e também atravessada por contradições; e, no outro vértice deste triângulo, a Sociedade (Marinho, 2015, p. 455).

A avaliação da qualidade da formação em Jornalismo foi o caminho escolhido pela pesquisadora. Para ela, “tanto a Formação como a Profissão prestam um serviço à Sociedade, com o objectivo de melhorar a vida dos cidadãos” (Marinho, 2015, p. 457). Afirma ainda que “a natureza das mudanças é que terá de ditar a natureza do seu acompanhamento, necessariamente reflexivo, pela formação” (Marinho, 2015, p. 461), sendo relevante “estudar melhor a relação entre ‘a qualidade do Jornalismo’ e a ‘qualidade da formação’” (Marinho, 2015, p. 464), uma vez que “a formação deve ser garantia de uma prática jornalística com qualidade, essencial aos cidadãos” (Marinho, 2015, p. 465). Isto se traduz em um desafio para o futuro do ensino do Jornalismo.

Considerações finais

Vou finalizar o texto reafirmando a existência de outras publicações que contribuem para o debate sobre o Ensino de Jornalismo. As selecionadas para o artigo apresentam tópicos que chamaram a minha atenção devido a aspectos relacionados às propostas pedagógicas, conforme as Diretrizes Curriculares e o Processo de Bolonha. Com base nestas observações, é possível ressaltar as seguintes dimensões para a formação em Jornalismo:

- Referências brasileiras – segmentadas em quatro grupos:

* Ensino: formação teórico-crítica, interdisciplinar; com saberes e fomento à pesquisa; para a incorporação de - cultura geral, interesse público, desenvolvimento humano, dimensões sociais, cidadania e identidades culturais;

* Tensões: modelo humanista X tecnicista, saber X fazer, teoria X prática, graduação X pós-graduação;

* Egressos: habilidades profissionais, produtores intelectuais, interpretação da realidade;

* Necessidades: qualidade de formação, atualização do ensino, educação continuada, atenção à mudança, inovação.

- Referências portuguesas – segmentadas em quatro grupos:

* Ensino: curso abrangente, com reflexão, multidisciplinar; com saberes e fomento à pesquisa; para a incorporação de – cultura geral, humanismo, ciências sociais e humanas, ciências da comunicação, práticas e técnicas;

* Tensões: teoria X prática, universidade X profissão, Jornalismo X Comunicação, jornalista X professor;

* Egressos: habilidades e competências, papel social, responsabilidade, compreensão da sociedade;

* Necessidades: qualidade de formação, conhecimento, atenção à mudança, criatividade.

Tanto as referências brasileiras como as portuguesas apresentam dimensões semelhantes considerando os quatro agrupamentos, principalmente o Ensino, os Egressos e as Necessidades para a formação em Jornalismo. A diferença maior está no grupo das Tensões, que são reflexos das preocupações dos autores. Neste sentido, as referências brasileiras estão centradas nos saberes/teorias (humanistas) e sua relação com os fazeres/práticas (técnicas); e as fontes portuguesas estão focadas na profissão/Jornalismo (jornalista) e sua relação com a universidade/Comunicação (professor). Isto significa que as dimensões existentes nos quatro grupos fazem parte dos debates promovidos por pesquisadores, docentes e discentes. As referências brasileiras e portuguesas podem colaborar para se pensar a formação acadêmica em um momento de mudanças sociais, de novos olhares sobre a área e a profissão, de implantação de diretrizes curriculares no Brasil, tendo como foco um ensino de qualidade para um Jornalismo qualificado.

Referências

ALMEIDA, Fernando Ferreira; SILVA, Robson Bastos da; MELO, Marcelo Briseno Marques de (Orgs.). **O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares**. São Paulo: INTERCOM, 2015.

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Ensino de Jornalismo e Legislação Educacional**. São Paulo: L'Editora, 2006.

CASCAIS, Fernando. O ensino do/para o jornalismo e a formação profissional. **Comunicação e Sociedade**, Braga, Portugal, revista 5, p. 85-93, 2004.



CASCAIS, Fernando. Ensino do Jornalismo em Portugal. História de um fracasso dos jornalistas. In: Um Século de Ensino do Jornalismo. **Media & Jornalismo**, Lisboa: Centro de Investigação Media e Jornalismo, ano 8, n. 13, 2008.

COELHO, Pedro. “Números e factos do ensino superior de Jornalismo em Portugal: de como o excesso de procura resultou em excesso de oferta”. In: MORAES JÚNIOR, Enio; MALULY, Luciano Victor Barros; OLIVEIRA, Dennis de (Orgs.). **Antes da pauta: linhas para pensar o ensino do Jornalismo no século XXI**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

DISCURSO e Prática no Ensino da Comunicação. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Umesp, ano 27, n. 44, 2º sem. 2005.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ (Org.). **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: FENAJ, 2008.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ (Org.). **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002 (2. ed. – versão on line - www.fenaj.org.br).

FIDALGO, Joaquim. Jornalistas: um perfil socioprofissional em mudança. **Comunicação e Sociedade**, Braga, Portugal, revista 5, p. 63-74, 2004.

FIDALGO, Joaquim. **O jornalista em construção**. Porto: Porto Ed., 2008.

GRAÇA, Sara Meireles. **Os jornalistas portugueses**: dos problemas da inserção aos novos dilemas profissionais. Coimbra: MinervaCoimbra, 2007.

LIMA, Samuel. “A concepção coletiva e inovadora do Projeto Pedagógico”. In: MICK, Jacques; LIMA, Samuel (Orgs.) **Ensinar Comunicação: desafios pedagógicos no ensino de Jornalismo e Publicidade**. Chapecó: Argos, 2012.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013 (Coleção Temas de Comunicação).

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. A pesquisa e o ensino nas Escolas de Comunicação. In: PERUZZO, Círcia Maria Krohling; SILVA, Robson Bastos da (Orgs.). **Retrato do Ensino em Comunicação no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, Taubaté: UNITAU, 2003.

MACHADO, Elias. “O ensino de Jornalismo em tempos de ciberespaço”. In: MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos (Orgs.). **O ensino do Jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos (Orgs.). **O Ensino do Jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MACHADO, Elias; TEIXEIRA, Tattiana (Orgs.). **Ensino de Jornalismo em tempos de convergência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

MARINHO, Sandra. A formação em Jornalismo: sinais e problemas de um debate latente. In: PINTO, Manuel; MARINHO, Sandra (Orgs.). **Os Media em Portugal nos primeiros cinco anos do Século XXI**. Braga: Comunicação e Sociedade; Porto: Campo das Letras, 2008.

MARINHO, Sandra. **Jornalismo e formação em mudança: modelos e construções na análise do caso português**. Braga – Portugal: Editora CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho, 2015. (eBook)

MEDITSCH, Eduardo. A qualidade do ensino na perspectiva do jornalismo: dos anos 1980 ao início do novo século. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.). **Ensino de Comunicação**: qualidade na formação acadêmico-profissional. São Paulo: ECA/USP, INTERCOM, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. In: FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ (org.). **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: FENAJ, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o Jornalismo que está por vir**. Florianópolis: Insular/Edufsc, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. “A aplicação das novas diretrizes curriculares: oportunidade para o reencontro do Ensino de Jornalismo com o que foi perdido em sua História”. In: ALMEIDA, Fernando Ferreira; SILVA, Robson



Bastos da; MELO, Marcelo Briseno Marques de (Orgs.). **O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares**. São Paulo: INTERCOM, 2015.

MELO, José Marques de. Lutas acadêmicas e resistências intelectuais: trajetória do jornalismo e da comunicação nas universidades latino-americanas. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo: Umesp, ano 27, n. 44, p. 137-156, 2º sem. 2005.

MELO, José Marques de (Org.). **Pedagogia da Comunicação: matrizes brasileiras**. São Paulo: Angellara, 2006.

MELO, José Marques de (Org.). **O campo da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MELO, José Marques de. “Desafios do ensino do Jornalismo no século XXI”. In: ALMEIDA, Fernando Ferreira; SILVA, Robson Bastos da; MELO, Marcelo Briseno Marques de (Orgs.). **O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares**. São Paulo: INTERCOM, 2015.

MESQUITA, Mário; PONTE, Cristina. **Situação do ensino e da formação profissional na área do Jornalismo**. Relatório elaborado para a Representação da Comissão Europeia em Portugal. 1996-1997. Lisboa, Portugal. (<http://www.bocc.ubi.pt>)

MESQUITA, Mário. **O quarto equívoco**. O poder dos media na sociedade contemporânea. 2. ed. rev. Coimbra: MinervaCoimbra, 2004.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel (Orgs.) **Ensinar Comunicação: desafios pedagógicos no ensino de Jornalismo e Publicidade**. Chapecó: Argos, 2012.

MORAES JÚNIOR, Enio. Formação de Jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público. São Paulo: Annablume, 2013.

MORAES JÚNIOR, Enio; MALULY, Luciano Victor Barros; OLIVEIRA, Dennis de (Orgs.). **Antes da pauta: linhas para pensar o ensino do Jornalismo no século XXI**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

O ENSINO do Jornalismo. **Comunicação e Sociedade** – revista 5. Braga, Portugal: Campo das Letras, 2004.

PINTO, Manuel. O ensino e a formação na área do Jornalismo em Portugal: ‘crise de crescimento’ e notas programáticas. **Comunicação e Sociedade**, Braga, Portugal, revista 5, p. 49-62, 2004.

PÔRTO JR., Francisco Gilson Rebouças. “Brasil e Portugal: uma perspectiva comparativa sobre a história da formação em Jornalismo”. In: MACHADO, Elias (Org.) **O Ensino de Jornalismo na Era da Convergência: conceitos, metodologias e estudos de casos no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2011.

RAMADAN, Nancy Nuyen Ali. “Brasil e Portugal: problemáticas e orientações no ensino do Jornalismo”. In: MORAES JÚNIOR, Enio; MALULY, Luciano Victor Barros; OLIVEIRA, Dennis de (Orgs.). **Antes da pauta: linhas para pensar o ensino do Jornalismo no século XXI**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

REBELO, José. **A Comunicação: temas e argumentos**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2003.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O Campo dos Media**. Lisboa: Vega, 1988.

TEIXEIRA, Tattiana. “Projetos Pedagógicos em Tempos de Mudança no Jornalismo: desafios e alternativas”. In: MACHADO, Elias (Org.). **O Ensino de Jornalismo na Era da Convergência: conceitos, metodologias e estudos de casos no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. I.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005b. v. II.

UM Século de Ensino do Jornalismo. **Media & Jornalismo**, Lisboa: Centro de Investigação Media e Jornalismo, ano 8, n. 13, 2008.

Notas

1 Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Pós-doutora pelo Departamento de Filosofia, Artes e Comunicação - FAC, da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra - UC (2009) e pós-doutora pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da ECA/USP (2015). Professora Titular (Dedicação Exclusiva), em nível de graduação e de pós-graduação, na Faculdade de Comunicação Social - FAMECOS/PUCRS. Integrante da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM/PUCRS (Av. Ipiranga, 6681, Parte-



- non, CEP: 90.619-900, Porto Alegre/RS, Brasil). E-mail: cpmoura@pucrs.br.
- 2 A tese de doutorado, defendida em 2000, na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP), já abordou o assunto, originando uma obra intitulada *O Curso de Comunicação Social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares*, publicada em 2002.
 - 3 O estudo foi desenvolvido em nível de Pós-Doutoramento, na Universidade de Coimbra, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), no período de janeiro de 2008 a julho de 2009.
 - 4 Formação superior e formação acadêmica estão sendo utilizadas como sinônimos. Para os dois termos, entende-se como formação uma capacitação em nível superior, que dá condições de uma habilitação profissional fundamentada em estudos de caráter teórico e prático, mediante abordagens científicas e técnicas.
 - 5 Decreto nº 3.927, de 19 de setembro de 2001 (Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. **Acesso em dezembro de 2016**).
 - 6 Respectivamente, Título III – Item 3 – artigos 33 a 38, e Título III – Item 4 – artigos 39 a 45, do referido Decreto.
 - 7 Mais informações sobre Reconhecimento, Mobilidade e Cooperação Internacional no site: http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Reconhecimento/Mobilidade/Mobilidade_para_PT.htm
 - 8 Lopes utiliza a categorização elaborada por Jesús Martim Barbero.
 - 9 Periódico científico classificado como B3 no sistema Qualis – CAPES, disponível em <http://www.fnpj.org.br/rebej>
 - 10 O projeto está vinculado à Rede Latinoamericana para o Desenvolvimento de Metodologias e Softwares para o Ensino de Jornalismo em Redes de Banda Larga, que obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
 - 11 Programa Nacional de Cooperação Acadêmica, da CAPES, financiou o projeto para o período 2008-2011, com pesquisadores de três regiões do Brasil (Sul, Sudeste e Nordeste).
 - 12 Sigla da Rede beneficiada com o programa.
 - 13 Participei da publicação como autora do texto: “Os desafios da Implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais no Curso de Relações Públicas”.
 - 14 O primeiro Ensicom ocorreu em 2001. Em 2003, o projeto originou o livro *Retrato do Ensino da Comunicação no Brasil*, já citado. Depois, houve um intervalo de alguns anos sem ocorrer nos Congressos da INTERCOM. O Ensicom foi retomado em 2012.
 - 15 Foi criado em 1979, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – FCSH, da Universidade Nova de Lisboa – UNL, e apresentava como características uma base em Ciências da Comunicação, uma orientação generalista, e várias saídas profissionais.
 - 16 Tarimba é a formação do jornalista na prática e experiência profissional, sem cursos ou diplomas.
 - 17 Em 2000, foi publicada a obra *A comunicação e os media em Portugal (1995-1999): cronologia e leitura de tendências*, que antecedeu o volume de 2008.
 - 18 Em 1993, surgiu “na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e permanece, ainda hoje, como o único curso com programa específico em Jornalismo oferecido pela Universidade Pública” (COELHO, 2013, p. 86).
 - 19 Universidades públicas; universidades privadas; politécnicos públicos; politécnicos privados.